

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES NAS CHARGES VIRTUAIS

Marcelo Rodrigo da Silva¹
Flávio Aurélio Tenório de Asevêdo^{**}

RESUMO:

O presente artigo pretende desenvolver um estudo inicial sobre as relações sêmicas do discurso das charges virtuais a partir da análise do processo de tradução intersemiótica que produz ao abordar temáticas difundidas pela mídia massiva. Nesse sentido, será buscado aqui, ainda que em caráter experimental, uma análise de como o diálogo entre gerações distintas é representado, dentro de um processo de tradução dos assuntos midiáticos pelo chargista. As contribuições de Plaza serão aqui tomadas como base na produção da análise da charge tomada como amostra.

PALAVRAS-CHAVE: *Charges virtuais, Tradução Intersemiótica, gerações, identidade*

SUMMARY:

This article aims to develop an initial study on the relationship semic the discourse of virtual charges, from the analysis of the intersemiotic translation process that produces to addressing issues circulated by mass media. In this sense, be pursued here, albeit on an experimental basis, an analysis of how the dialogue between different generations is represented, inside a translation process of the spread in the media by the cartoonist. The contributions of Plaza will be taken here as the basis for the analysis of the charge taken as a sample.

KEYWORDS: *Virtual charges, Intersemiotic translation, generations, identity*

RESUMEM:

Este artículo tiene como objetivo desarrollar un estudio inicial sobre las relaciones sêmicas del discurso de las charges virtuales a partir del análisis del proceso de traducción intersemiótica que produz al abordar las cuestiones divulgadas por los medios de comunicación masivos. En este sentido, será tratado a cá, aunque en carácter experimental, un análisis de cómo se representa el diálogo entre diferentes generaciones, dentro de un proceso de traducción de temáticas midiáticas por El

¹ Aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade – MLI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

¹¹ Aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade – MLI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

caricaturista. Las contribuciones de Plaza serán tomadas a cá como la base para el análisis de La charge elegida como muestra.

PALAVRAS CLAVE: *Charges virtuales, Traducción Intersemiotica, generaciones, identidad*

A formação de significados é um processo complexo objeto de estudo da semiótica, que, por sua vez, leva em conta as diversas formas de inter-relação entre os sentidos (pontos sensoriais) do corpo humano e a atmosfera de estímulos que a ele se apresenta.

A apreensão e decodificação dos estímulos e a posterior construção de sentido está subposta ao repertório adquirido pelo sujeito a partir das experiências vivenciadas em seu cotidiano. É a partir de tais experiências que são construídos pontos de referência que tornam possível estabelecer o contato com o conhecimento e a memória coletivos, assim como de bens simbólicos referentes a uma cultura determinada.

A semiologia surge como uma ciência que se propõe propriamente à comunicação, que visa não às trocas naturais, mas as trocas codificadas, "semiotizadas", nas palavras de Bounoux (1999, p. 51): "O primeiro gesto da semiologia é, portanto, desprender os signos da aderência às coisas para pensá-los segundo o quadro das oposições pertinentes, quer dizer, previstos pelo código". Bounoux vai tratar também dos estudos da semiologia que tem como estrutura por excelência a língua.

Nesse sentido, representações de mundo e dos modos de dar sentido a determinados elementos dispostos no meio social são elaborados com base no ponto onde se encontra o observador/receptor do estímulo.

A contemporaneidade, tratada por Hall como a modernidade tardia, em que o sujeito encontra-se em meio a uma crise de identidade em consequência da globalização, apresenta-se como um espaço e tempo onde identidades diferentes se articulam e se estabelecem em novas posições. Assim acontece entre os atores sociais enquadrados em diferentes gerações. Os sujeitos que antes eram detentores de identidade bem definida a partir de fatores como sua idade e, paralelamente ou em consequência disso, elementos constituintes do contexto sócio-cultural e político em

que estavam inseridos, agora se apresentam em comum, em um mesmo espaço dialógico e indefinido.

Uma vez que a identidade muda, de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela torna-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituinte de uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2007, p. 21)

É a partir da idéia de si e das fronteiras de seu território (geográfico e cultural) em relação aos outros que se pode configurar a identidade. Conforme aborda Hall (2007, p. 106), a identificação, como todas as práticas de significação, "está sujeita ao 'jogo' da *différence*. (...) Ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteira'".

A identidade do sujeito estaria relacionada, assim, ao estabelecimento de fronteiras, em sua relação com o Outro, com o que lhe falta, com o diferente. Dessa forma, ao ser visualizado o diálogo entre as gerações na contemporaneidade, verificam-se mutações naqueles pontos que seriam demarcadores das diferenças, ou seja, o que seria constituinte do Outro já não está mais tão definido, visto que as identidades estão em mutação na contemporaneidade.

[...] A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'. (HALL, 2007, p. 38)

É na esteira desse processo que Plaza traz à luz de suas teorias a inter-relação entre os sentidos do corpo humano na construção de significados. O receptor de estímulos desenvolve a compreensão dos significados a partir das respostas de seu corpo e da formulação de conceitos sobre o objeto constituído. No processo de tradução, os estímulos capturados e decodificados são ressignificados e passam a se constituir sobre estrutura *sígnica* com nova roupagem.

Esse processo é verificável quando são observadas as charges virtuais. José Marques de Melo (1983), ao conceituar o campo jornalístico situa as charges na área do jornalismo opinativo.

Para não cair num tipo de discussão bizantina, é preciso deixar claro que essa distinção entre a categoria informativa e a opinativa corresponde a um artifício profissional e também político. Profissional no sentido contemporâneo, significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente

o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, o editor burlando a vigência do estado, assumindo fiscos calculados nas matérias cuja autoria era revelada (coments); hoje, desviando a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem como informativas (news), mas na prática possuem vizes de conotação. (MELO, 1983, p.32)

A conversão para o ciberespaço possibilitou a agregação de novos elementos à estrutura das charges e, principalmente, com relação à introdução do elemento sonoro. A crítica presente na mensagem transmitida pelo discurso não é mais construída e decodificada somente a partir do texto e do desenho estático, mas passa a se apresentar de uma forma diversa, dispondo de elementos como o som e a animação, que, por sua vez, passam a apresentar de forma intrínseca a variável tempo. Da mesma forma, o ciberespaço incitou a maior abrangência de temas abordados pela charge, bem como sua maior divulgação através do sistema de redes, possibilitando novas relações entre a cultura e a mídia.

O caráter tátil-sensorial, inclusivo e abrangente das formas eletrônicas permite dialogar em ritmo "itervisual", "intertextual" e "intersensorial" com os vários códigos da informação. É nesses intervalos entre os vários códigos que se instaura uma fronteira fluida entre informação e pictoricidade ideográfica, uma margem de criação. (PLAZA, 2003, p. 13)

A intensificação do desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação foi determinante para a promoção de um novo salto e a demarcação de uma nova era: a virtualidade, iniciada com os primeiros experimentos da informática, conforme aborda Lídia Oliveira Silva:

A informática, enquanto suporte de comunicação, permitiu ampliar o leque de linguagens, a escrita deixou de ser a única linguagem para se passar a construir uma orquestra semiótica mais vasta que engloba imagem, som, movimentação, simulação, etc., permitindo gerar ambientes infocomunicacionais alternativos que estão a serviço da virtualização. (SILVA, 2001, p. 156)

O ambiente infocomunicacional tratado por Silva é o *ciberespaço* proposto por Lévy (1999): um sistema que permite transformações estruturais nas mídias anteriores, bem como sua confluência em um único sistema capaz de englobá-los e combiná-los, permitindo a geração de novos processos semióticos e de significação.

Na esfera social contemporânea, concebida como a sociedade da informação, com o aprimoramento das tecnologias já existentes e o desenvolvimento de novas, as charges, como forma de literatura, sofre mutações nos seus modos de fazer e, principalmente, no suporte sobre o qual passam a se processar. Assim também as

relações e representações da cultura desenvolvidas pelos processos comunicacionais sofrem transformações marcantes, conforme afirma Jameson:

A intervenção da máquina, a mecanização da cultura e a mediação da cultura pela Indústria da Consciência estão em toda parte, e talvez possa ser interessante explorar a possibilidade de ter sempre sido assim ao longo de toda a história humana e, mesmo durante os modos de produção pré-capitalistas mais antigos, radicalmente diferentes. (JAMESON, 1996, p. 92)

As charges virtuais constroem em seu discurso traduções intersemióticas a partir das informações divulgadas nos meios midiáticos ou vivenciadas no cotidiano de um contexto cultural, sejam em telejornais, portais na Internet, em jornais ou revistas. Muitas notícias difundidas pela mídia são capturadas pelos cartunistas e traduzidas sob uma nova linguagem e estrutura de signos. Assim explica Plaza (2003, p. 27): “Toda operação de substituição é, por natureza, uma operação de tradução – um signo se traduz em outro – condição, aliás, inalienável de toda interpretação: o sentido de um signo só pode se dar em outro signo”.

Os fatos e acontecimentos são narrados sob o código lingüístico, sistematizados sob o dialeto corrente e elaborado a partir da utilização de sistemas de signos usuais e pertencentes ao repertório mnemônico coletivo.

As charges virtuais, ao abordarem como temática esses fatos e acontecimentos e até mesmo personalidades polemizadas no meio midiático ou posições sociais derivadas de tradições e costumes determinados (seja de ordem religiosa, política, econômica, social, entre outras), constroem uma tradução e proporcionam o emprego de nova estrutura lingüística com utilização de signos diversos, codificados sob o formato visual e até sonoro. Dessa forma, o receptor que anteriormente dedicava um esforço no sentido de identificar os significados gerados pelos estímulos dos signos da mensagem original, passa a deflagrar novo esforço direcionado à decodificação dos novos matizes sêmicos geradores de sentido.

[...] o processo sígnico vai transformando e comandando a sintaxe. E, numa tradução intersemiótica, os signos empregados têm tendência a formar novos objetos imediatos, novos sentidos e novas estruturas que, pela sua própria característica diferencial, tendem a se desvincular do original. A eleição de um sistema de signos, portanto, induz a linguagem a tomar caminhos e encaminhamentos inerentes à sua estrutura. (PLAZA, 2003, p. 30)

As charges virtuais possuem estrutura intersemiótica que permite a confluência de signos lingüísticos, sonoros e visuais. O leitor das peças virtuais passa a identificar e agendar novos signos que exigem a elaboração de novos referenciais e relações de

conhecimento para o mesmo tema ou temas correlatos. Além do código lingüístico, são explorados no discurso chárstico apelos visuais e sonoros que constroem significados e se relacionam semioticamente com fatos e acontecimentos paralelos. Isso se torna possível através da estrutura sígnica desses elementos. A mensagem da charge forma uma tradução dos noticiários midiaticizados ao mesmo tempo em que expande a tradução adicionando elementos que, de forma intertextual, relacionam a temática central do discurso com outros temas paralelos.

Nessa medida, toda tradução movimenta-se entre identidades e diferenças, tocando o original em pontos tangenciais. [...] Daí que a relação íntima e oculta entre as línguas seja a de que elas apresentam parentescos e analogias naquilo que pretendem exprimir e que, para nós, não é outra coisa senão o ícone como medula da linguagem. (Plaza, 2003, p. 29)

Plaza também oferece contribuições quando estuda os sentidos do corpo humano como produtores dos objetos imediatos do signo. A percepção dos sentidos é instigada na tradução produzida pelo discurso chárstico. Os signos visuais e sonoros presentes nas peças são apresentados aos pontos sensitivos dos receptores que, diferentemente do conhecimento utilizado anteriormente na identificação dos signos lingüísticos, processam as novas informações e estímulos na construção de significados ancorados na mensagem original.

É interessante ressaltar como nas charges se processam traduções múltiplas, ou seja, mais de uma mensagem original são tomadas como base ou 'matéria-prima' para elaboração da tradução. No exemplo que será brevemente analisado mais adiante esse processo poderá ser verificado.

Pode-se verificar também como nas charges são estabelecidas relações plurisemióticas bastante complexas a partir da combinação de linguagens de origens diversas. Essa relação densa de sentidos é possibilitada pelo suporte virtual cibernético. Sobre o suporte impresso, as charges dispunham apenas dos recursos textual e imagético. Com o suporte virtual, as peças passam a ser compostas, além do texto e da imagem, também do elemento sonoro e da animação.

O ciberespaço configura-se como um ambiente propício para a entrada dos diversos meios de comunicação. É um meio multimídia definido, conforme Pierre Musso (2006, p. 194) como sendo "sucessivamente uma 'encarnação' do mundo virtual [...] um novo território sem mapa, uma selva onde nos perdemos e nos aventuramos, e um novo espaço público, cidadão ou comercial. O ciberespaço confunde em uma única palavra-chave técnica, simbolismo, natureza e sociedade".

Em cada charge percebe-se a fusão de elementos emissores de estímulos aos sentidos dos receptores. A imagem caricaturada de personalidades envolvidas nos fatos e acontecimentos abordados na mensagem crítica; os elementos textuais dispostos em segundo plano no decorrer da exibição das peças e o som que é formado têm alguma relação de sentido com a temática central da charge.

A partir de todos os elementos semióticos, é estabelecida uma relação intertextual e polissêmica, que remete a outras idéias e contextos. O cartunista traduz nas peças os acontecimentos em destaque na mídia massiva.

Conforme abordado por Plaza, diferentemente da tradução interlingual, quando o suporte e a linguagem são as mesmas, na tradução intersemiótica, ocorrem mudanças também na linguagem e, por isso, o sentido e a forma de perceber os estímulos também são diferentes. Os signos imagéticos e sonoros exigem que o receptor da mensagem perceba o signo de forma diferente da que perceberia no suporte textual convencional de uma matéria jornalística convencional de uma página de jornal, ou no noticiário televisivo.

Uma breve análise desse processo pode ser feita a partir da charge intitulada “Conflito de Gerações”, publicada no dia 20 de setembro de 2005. A peça traz a temática das diferenças (similaridades) entre gerações diferentes, mãe e filha. Paralelamente à temática principal, o discurso chágico constrói relação com outras temáticas, como política, economia e mídia e sobre ela estabelece sua crítica. Para isso, o chargista constrói signos visuais, sonoros e textuais e estabelece uma relação intersemiótica durante toda a mensagem.

A charge inicia com a imagem de uma jovem em frente ao espelho em um ambiente cenográfico caracterizado como um quarto. Ela está trajando roupas curtas, nas quais ficam evidentes as curvas salientes de seu corpo. Pela janela do quarto, são visualizadas imagens como a de um prédio, a lua e o céu escuro, índices do período noturno e que, por associação, é construída a ideia de que a jovem está se vestindo para sair.

Surge, então, a segunda personagem, uma senhora que, pelos índices das características físicas semelhantes às da primeira, presume-se ser sua mãe – o que logo é confirmado no diálogo. A segunda personagem inicia o diálogo construído no discurso com a elocução: “essa roupa não ta combinando!”. Logo em seguida, a primeira personagem declara: “o que você entende, mãe? Tenho 20 anos e você o dobro da minha idade! Não estamos mais nos anos 80!”.

Neste ponto concentra-se a temática central do discurso, onde a elocução propõe a diferença entre as gerações ao empregar o termo “entende”, elaborando uma insinuação de que as personagens em questão não partilham da mesma identidade, ou seja, os elementos culturais ligados ao contexto histórico e social constituinte da identidade de cada uma seriam diferentes uns dos outros.

Adiante, a segunda personagem segue o diálogo com uma série de enunciações irônicas que fazem menção a pontos de seu contexto histórico como programas televisivos, grupos musicais, filmes de cinema e política nacional e internacional – todos relacionados ao meio midiático – que funcionam como argumentos legitimadores de sua identidade.

Ao final, a primeira personagem profere uma elocução que quebra e contradiz sua afirmação anterior, corroborando com a argumentação no enunciado de sua interlocutora. Daí é extraída a dedução de que o termo anteriormente empregado para desqualificação (entende), agora é aplicado implicitamente, já que com sua elocução “eu troco a blusa ou a mini-saia?”, ela constata que as duas personagens partilham de elementos sócio-históricos e culturais.

Os estímulos no campo visual fornecem aos pontos sensitivos do receptor vários signos. São índices, como a cama, o espelho e a janela. Da mesma forma a primeira personagem que apresenta uma silhueta mais afilada do que a segunda, também os adereços da vestimenta trajada por cada personagem. Plaza vai esmiuçar o estudo do sentido da visão e seu processo de percepção sistematizando três áreas do globo ocular: a mácula, a visão periférica e a fóvea:

[...] a mácula, a visão periférica, e a fóvea correspondem, assim, às categorias do ícone, do índice e do símbolo. Isto porque a mácula nos ajuda a formar os caracteres do Objeto Imediato da percepção, como mera qualidade cromático-luminosa, como mera analogia. Já a visão periférica caracteriza-se mais pelo confronto-atrito produtor de movimentos, incluindo-se aí as qualidades acromáticas que nos fornecem indefinição para volumes. [...] a fóvea entra em correspondência com o símbolo como portador de caracteres de digitalização predominantemente. (PLAZA, 2003, p. 56)

Sendo assim, a mácula seria responsável pelo primeiro contato com os elementos, quando acontece apenas uma diferenciação das primeiras imagens com base em sua não linearidade, contraste entre as cores e as primeiras formas, como a silhueta da personagem e as diferenças nos tamanhos das roupas. A visão periférica estaria ligada à percepção dos movimentos, as variações de proximidade e distância da personagem, as ações que prendem a atenção do espectador. A região da fóvea estaria direcionada à percepção dos detalhes, a identificação dos elementos, como os

prédios, a lua, as estrelas, os rostos caricaturados semelhantes, as feições jovens e adultas.

Da mesma forma, índices sonoros se fazem presentes a partir dos trejeitos e tons nas vozes das personagens. O sentido do tato fica limitado no caso das charges virtuais, tendo em vista que são elementos cibernéticos, compostos apenas por imagens digitais combinadas a recursos sonoros. A não ser que é verificável o sentido háptico transferido sinestesticamente para o visual, como acontece com as luzes que acendem como refletores e focam a personagem, permitindo a sensação de espaço.

O sentido háptico, modulador do sensório e das qualidades luminosas, criador de ritmos, ícones, organizador de espaços e conflitos, atua como equivalente dos conceitos perceptuais e sua materialização como forma tangível é muito mais uma tradução aos meios do que reprodução dos perceptos. (PLAZA, 2003, p. 58)

Já os estímulos sonoros vão desde os cacoetes e onomatopéias na fala da personagem até barulhos e ruídos exteriores, referentes a informações paralelas. “[...] A relação entre som e sentido também pode ser da ordem da semelhança como acontece nos sons onomatopéicos e expressivos que designam um objeto fora do som”. (PLAZA, 2003, p. 60)

É interessante ressaltar que a crítica construída na charge direciona-se à questão das diferenças ou semelhanças. Outros elementos também podem ser citados, como os trejeitos da movimentação, as expressões faciais, principalmente quando a primeira personagem começa a expressar uma mudança de pensamento e a concordar com a argumentação da segunda; em especial quando é empregado o signo sonoro: “humrum”.

Além disso, a charge é contextualizada com questões contemporâneas visualizadas no contexto sócio-cultural e histórico em que as personagens envolvidas no discurso estão inseridas. Ao final da charge, a crítica embutida na mensagem propõe que as duas personagens, de gerações diferentes, tem suas identidades construídas com base em uma mesma contextualização histórica e cultural, na medida em que apreenderam conhecimento transmitido por meio da tradição e do momento real eu vivenciavam.

Sendo assim, a partir da breve enumeração de elementos estruturais da charge em questão pôde-se verificar como esses elementos híbridos, derivados tanto da literatura como da comunicação social, edificam a tradução intersemiótica de fatos noticiados mundial mente nos meios de comunicação. E se vê, dessa forma,

relacionando-se com as contribuições de Plaza, alguns dos processos pelos quais os receptores da mensagem constroem relações com os signos com os quais se deparam.

O sentido absorvido no primeiro contato (a primeiridade), na percepção e suas formas de categorizar os sentidos que absorve (a segundidade) e as formas como são relacionados os sentidos absorvidos e armazenados e, posteriormente, o significado que lhe é atribuído com base no repertório existente e na cultura em que o indivíduo se insere (terceiridade).

É válido salientar ainda que as charges se configuram de acordo com os conceitos de Plaza, como um meio quente, tendo em vista que exige de seu receptor a atenção de todos os seus sentidos dedicada à recepção da mensagem e dos estímulos. Sendo assim, não se torna possível ao espectador realizar outra ação ao desviar um de seus sentidos para outro ponto emissor de estímulos, do contrário não será possível a compreensão integral da mensagem transmitida. “Os meios e linguagens quentes, produtores de alta definição, referem-se a estados onde a alta saturação de dados cria o prolongamento excessivo de um de nossos sentidos, tornando-se especialistas nesse sentido” (PLAZA, 2003, p. 64)

Além disso, verifica-se também que as charges são construídas com base em códigos do domínio coletivo, ou seja, é uma construção do cartunista com base em modelos e suportes comum a todos os indivíduos. Trata-se, portanto, de uma produção alográfica e não de uma autográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUGNOUX, Daniel. Introdução das Ciências da Comunicação. Bauru – SP: EDUSC, 1999.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio. Ática, 1996.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MELO, José Marques de. Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo – SP, 1983.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço: figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Denis de (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. Tópicos de semiótica: modelos teóricos e aplicações. São Paulo: Annablum, 2008.

PLAZA, Julio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

SILVA, Lídia Oliveira. A internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos (orgs.). Janelas do ciberespaço, comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.